



Evaristo de Miranda

Engenheiro Agrônomo, tem mestrado e doutorado em ecologia pela Universidade de Montpellier (França). Com centenas de trabalhos publicados no Brasil e exterior, é autor de 45 livros, incluindo Tons de Verde (português, inglês e chinês). Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária desde 1980, participou e coordenou mais de 40 projetos de pesquisa e implantou e dirigiu três centros nacionais de pesquisa. Atualmente é chefe geral da Embrapa Territorial, em Campinas, SP.

Só as mudanças no agro são certeza, em 2020

Terra viva - 30/01/2020 - 11:08 | Atualizado em 30/01/2020 - 12:22



(Foto: Reprodução da Internet)

- Com o aumento das exportações para a China, a oferta de carne bovina no Brasil diminuiu e os preços subiram. A alta acumulada em 2019 foi de 32,4%.

Um caminhão de carne processada passou a valer cerca de um milhão de reais e virou uma atração para bandidos especializados em roubo de carga.

- A violência contra transportadoras de carnes e frigoríficos é inédita e levou os caminhões a saírem acompanhados de escolta armada pelas estradas, de acordo com a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Segurança Privada (Contrasp). Em grandes centros urbanos é possível observar caminhões de carne escoltados também ao entregar mercadorias em supermercados e açougues. É mais um custo adicional para o consumidor pagar, embutido no preço já bem alto da carne.

- Para a Contrasp, os roubos a caminhões de carne superaram o número de assaltos a carro-forte no país. E carne não é como cargas de cigarros ou eletrodomésticos, passíveis de serem armazenados, escondidos em qualquer local. Carnes exigem refrigeração e se deterioram rapidamente, se armazenadas em locais inadequados. Cabem, portanto, duas perguntas: quem apoia a ação dos criminosos com logística de armazenagem, escoamento e venda dos produtos roubados? E que ameaças à saúde pública decorrem do armazenamento e distribuição inadequados da carne roubada?

- Na China, para enfrentar a crise da PSA, o governo colocou US\$ 7 bilhões à disposição dos grandes produtores de suínos, para aumentar a produção via inclusão de pequenos produtores, por meio de aquisição ou *leasing* de parte ou do total das pequenas produções. Teoricamente é um movimento de modernização da criação de suínos com a atuação de “empresas âncora” no qual os mais tecnificados cuidarão dos menos, na região onde estiverem. Nesse contexto é possível que as compras de milho pela China voltem a aumentar, após o declínio dos últimos anos.

- No Brasil, as transformações tecnológicas, a expansão da integração lavoura-pecuária, o crescimento de cadeias produtivas, como a do algodão, das carnes e do milho, face à estagnação relativa e à dificuldade de alguns setores agropecuários (como laranja, café e até açúcar) mudaram o peso e a contribuição das agriculturas estaduais no PIB agropecuário.

- Em 2019, o estado do Mato Grosso representou 16,1% das receitas totais do agro do Brasil, assumindo a liderança nacional pelo segundo ano consecutivo. Ultrapassou São Paulo (12,4%) em valor bruto da produção agropecuária. O Valor Bruto da Produção (VBP) chegou a 102 bilhões de reais

em 2019, no Mato Grosso, contra 78 bilhões em São Paulo. E nada indica que São Paulo retomará a tradicional liderança nacional, no curto prazo.

- No setor de agroenergia, os investimentos em unidades industriais de grande porte para a produção do etanol de milho, no Mato Grosso, ampliarão ainda mais o valor da produção agropecuária do Estado. Seguindo o conceito da Economia Circular, a geração de etanol a partir do milho gera um subproduto interessantíssimo para rações na alimentação de rebanhos: o DDG (sigla em inglês de *Distillers Dried Grains* ou Grãos Secos de Destiladores). Trata-se de um concentrado proteico, extraído dos grãos secos de milho durante o processo de destilação, na produção de etanol. Quando este subproduto não passa por processo de secagem, chama-se WDG (*Wet Distillers Grains* ou Grãos Úmidos de Destiladores) e é fornecido preferencialmente para gado leiteiro.

- Os DDG ainda são comercializados, nos Estados Unidos, com 8 a 12% de solúveis. São então chamados de DDGS (*Distillers Dried Grains with Solubles* ou Grão Secos de Destiladores com Solúveis). São granulados estáveis, de cor marrom, considerados uma excelente fonte de energia, vitaminas, sais minerais e, principalmente, proteínas adequadas para ruminantes, a um custo mais baixo do que as rações à base de torta de soja. Saiba mais sobre suas propriedades, uso e armazenagem no *link* do Conselho Tecnológico de Grãos de Destiladores (DGTC, em inglês) <https://distillersgrains.org/distillers-grains/>.

- No Mato Grosso, o DDG já é uma alternativa economicamente viável para a alimentação animal, embora a produção de etanol de milho tenha apenas começado. A procura pelo DDG aumentou rapidamente, em 2019, por parte de criadores de gado de corte em confinamento e de leite.

- Esse subproduto ou coproduto, corretamente precificado, ajudará o Brasil a transformar mais fibras e proteínas vegetais em proteína animal, agregará valor, gerará novas atividades e empregos. Muitas usinas de etanol de cana de cana de açúcar estão interessadas em se tornar *flex* para incluir o milho no processo, podendo então operar durante todo o ano (e não só nos dois a três meses da safra de cana) e ainda obter tais subprodutos.

- De transformação em transformação avança a agropecuária brasileira, cada vez mais integrada. O Nordeste ultrapassou o Sudeste na produção de grãos nos últimos anos, graças à expansão da soja e do milho no Oeste da Bahia e no Sul do Piauí e do Maranhão, na região do chamado Matopiba. Isso não

ocorria desde o século XIX. O Nordeste também contribui com as exportações recordes de algodão, de 2,5 bilhões de dólares, 57% maiores do que em 2018.

- O mundo rural é complexo e dinâmico. Nenhum especialista previu o conflito comercial entre China e EUA, nem as consequências da peste suína africana na Ásia, na agropecuária mundial ou sua influência sobre a criminalidade brasileira. Ninguém antecipou as produções recordes de milho e algodão. Previsões sobre o futuro da agricultura, no Brasil e no mundo, são sempre arriscadas. Sabemos apenas que haverá mudanças, mas quais, com qual intensidade e com que consequências, não dá para arriscar palpites. Na verdade, como dizia o grande dramaturgo Nelson Rodrigues, plagiado por tantos nestes dizeres: - *No Brasil, até o passado é imprevisível.*